

# casa Galamares

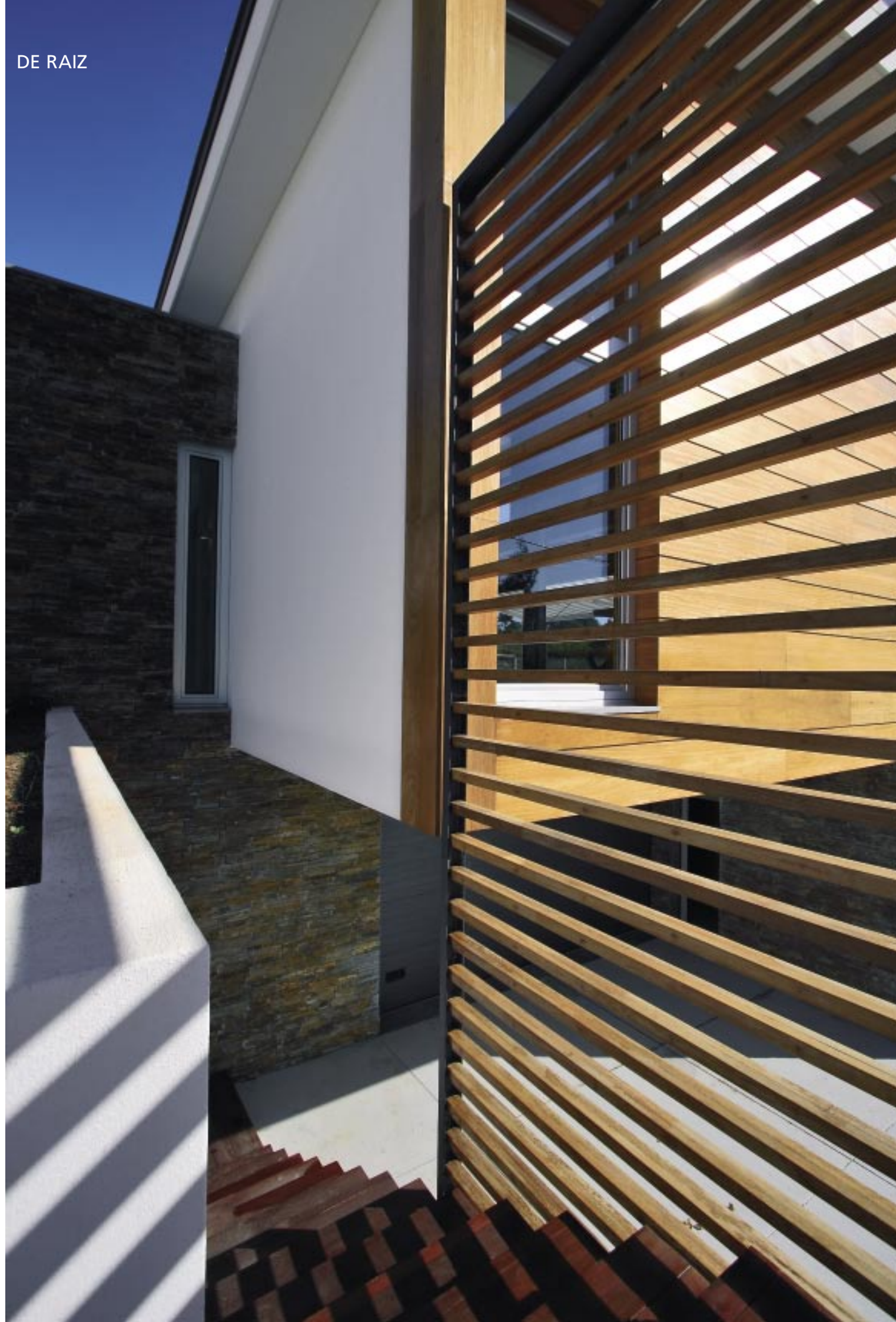
Adapta-se à topografia do terreno e assenta de uma forma ligeira no grande pódio verde que se funde na paisagem. Planos em madeira, superfícies brancas e vazios dados pela transparência de grandes vãos e pátios, contrastes gizados pela dupla de arquitectos João Brandão e Margarida Gomes.

Imagens cedidas pelo ateliê

➤ Do exterior, a casa lê-se em três volumes ligados pelo grande plano em pedra que a sustenta e orienta







➤ "Depois de passar um corpo branco rematado por uma estrutura em grelha, somos encaminhados pela pala que nos protege e direcciona à entrada"

**D**e singular representação, esta casa é determinada por um registo tipológico próprio dos autores. Traçam-se caminhos de uma prática já significativa, traduzida pela qualidade do espaço doméstico proposto. A habitação unifamiliar continua assim a constituir uma experiência projectual significativa. Mas, antes de reflectir sobre a casa, concentremo-nos brevemente no contexto, aliás, ferramenta essencial para a compreensão da forma; é o ponto de partida para o projecto. Galamares, aldeia em contexto rural, desfruta de uma desafogada vista para a serra de Sintra, uma paisagem surpreendente que suscita um primeiro contacto com o projecto, com a ideia e a visão de uma casa que se projecta para essa vista. O terreno apresenta as condições propícias para tal, pela pendente transversal que se desenvolve de sul para norte. Requalificou-se o terreno e implantou-se uma volumetria que sabe tirar partido dos mecanismos da arquitectura: eixos, ritmos, alinhamentos, cores, texturas, luz, pátios, aberturas e encerramentos, vistas direccionadas e a definição de um espaço com várias escalas, cruzando vivências e ciclos, intenções de habitar. A casa adapta-se à topografia do terreno, criando um momento único construído, que assenta de uma forma ligeira no grande pódio verde que se funde na paisagem. De um programa pouco extenso e aparentemente normal, propõe-se um espaço interior capaz de ler os traços que os compõem, pela clareza formal e fluidez espacial. Visitar esta casa é uma experiência cénica, não só pelo simples acto de deambular nos seus espaços mas também pelo essencial papel de principais actores quando a habitamos. Há uma prática social que foi pensada e esta é mais uma ferramenta fundamental para construir o lugar. O acesso a poente suscita curiosidade pelo aproximar a uma volumetria pouco manifestada. Depois de passar um corpo branco rematado por uma estrutura em grelha, somos encaminhados por uma pala que nos protege e direcciona à entrada. Um primeiro pátio à esquerda permite o desafogar desse espaço privilegiado. Entramos. A sala é o primeiro momento, um momento assumido através de uma única volumetria, onde um pé-direito duplo e o prolongar para o amplo deque exte- ➤







➤ Na sala de estar, destaca-se o plano em pedra, que se prolonga até à mezanine, e pelo fogão de sala que oferece privacidade à zona de refeições



rior, dá-nos uma sensação de desafogo e liberdade de uso total. A grande cobertura inclinada lança-nos para a paisagem distante, como se de um posto de vigia se tratasse. Este espaço de estar é parcialmente dividido por um plano em pedra que se prolonga para a mezanine e contém um fogão de sala, permitindo alguma privacidade e recolhimento à zona de refeições. A selecção de materiais, com as paredes de topo totalmente revestidas a madeira, potencia a leitura deste espaço como um elemento único e contínuo.

A zona privada dos três quartos é mais uma vez assumida por uma caixa em madeira, que se desliga por um lado da volumetria da sala – através de um pátio e de um nó que contém uma instalação sanitária de apoio –, mas por outro encosta a um grande paramento em pedra, que suporta formalmente toda a construção. É um elemento orientador, a partir do qual todos os outros emergem.

A zona de serviço, orientada a norte, descola-se de todo o conjunto sem, contudo, se desligar dos percursos do habitar. O piso -1 contempla espaço de garagem, arrecadação e uma instalação sanitária, aproveitando o declive natural do terreno.

A composição desta casa revela capacidade de interpretar contextos, programas, funções, matéria e materiais. Uma proposta que contém o programa ideal para explorar relações formais e que propõe uma disposição sequencial de espaços, explorados essencialmente de um modo fluido, próprio da modernidade. Do exterior, a casa lê-se em três volumes, ligados pelo grande plano em pedra que a sustenta e orienta. Os planos em madeira, cuidadosamente escolhidos, contrastam com as superfícies brancas e os vazios, ora dados pela transparência dos grandes vãos, ora pelos pátios.

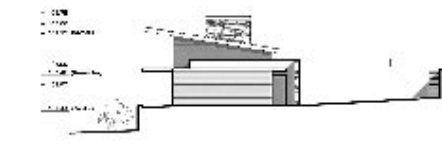
A arquitectura contém esta capacidade de jogar com mecanismos que estão ali, mesmo ao nosso alcance. Basta ler e interpretar, com mais ou menos poesia. Constrói-se naturalmente um jogo de materiais e meios disponíveis. O resultado é sóbrio, limpo e bem definido. ■

Maria Tavares, Arq.

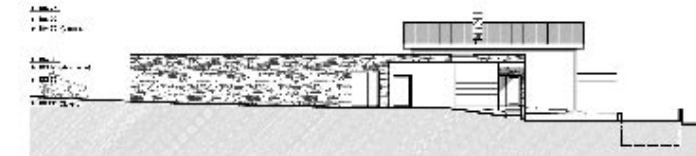
## FICHA TÉCNICA

Projecto de Arquitectura: João Brandão, Margarida Gomes, Arquitectos, Lda., com colaboração dos arquitectos João Sobral, Cláudia Félix, Rui Rabaça e Rita Paulo  
Localização: Galamares  
Data de projecto/conclusão: 2005/2008

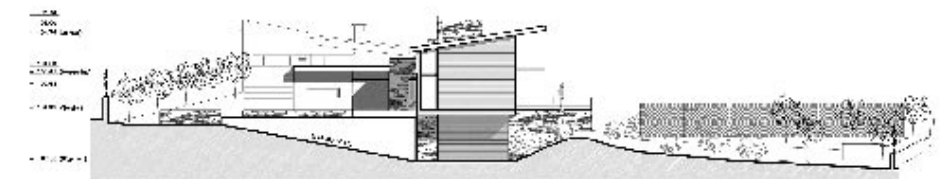
Est. de Janas, Qta. da Mira Serra, Sintra, tel. 219.280.781, www.jbmg-arquitectos.pt



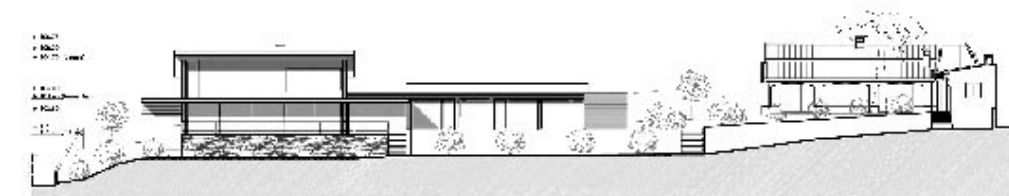
alçado norte



alçado poente



alçado sul



alçado nascente



corte C1



corte C2

➤ Margarida Rosa de Almeida Rodrigues e João Miguel Brandão Rodrigues, 1971, arquitectos pela Universidade Lusitana de Lisboa, desenvolveram, de 1994 a 1998, diversos projectos, sobretudo na área de arquitectura bioclimática, tendo também colaborado com o ateliê Tirone Nunes Urbanismo. Há 11 anos criaram ateliê próprio, João Brandão, Margarida Nunes, Arquitectos, dedicado à execução de estudos e projectos na área dos serviços técnicos especializados de Arquitectura, Design e Consultadoria Técnica no âmbito da construção civil.